

REFLEXÃO SEMANA 9

A semana em análise foi marcada por um acontecimento fora do comum, mas extremamente relevante para a minha formação: o apagão ocorrido no dia 28 de abril, que afetou a instituição durante várias horas. Esta situação inesperada teve impacto direto no funcionamento da ERPI, e revelou-se uma experiência com grande valor formativo enquanto estudante de enfermagem.

Inicialmente, a instituição conseguiu ativar o gerador de emergência, o que permitiu garantir, de forma temporária, a manutenção de alguns serviços essenciais. No entanto, passadas algumas horas, o gerador acabou por sobreaquecer, deixando novamente a estrutura sem energia elétrica. Esta falha evidenciou a vulnerabilidade dos sistemas de apoio em situações prolongadas de emergência e a importância de uma resposta rápida e eficaz por parte dos profissionais.

Durante este período, senti na prática o quanto o trabalho em equipa, a comunicação constante e a capacidade de adaptação são cruciais. Os elevadores deixaram de funcionar, o que dificultou a mobilidade de vários utentes, especialmente os que necessitam de cadeira de rodas ou têm limitações físicas. Da mesma maneira, afetou também o transporte das alimentações para os diferentes pisos da instituição o que acabou por provocar uma rutura nas rotinas da instituição. Os profissionais tiveram de reorganizar-se para prestar cuidados com segurança, garantindo que ninguém ficava isolado ou sem apoio.

A nível clínico, também foi necessário fazer ajustes: equipamentos automáticos como concentradores de oxigénio não puderam ser utilizados, e os registos informáticos foram temporariamente substituídos por anotações manuais para previamente quando voltasse tudo ao normal pudessem ser registados. Vi, por exemplo, ambos os enfermeiros responsáveis pelo turno a reorganizar as tarefas da equipa para garantir a cobertura das necessidades mais urgentes, priorizando os utentes mais frágeis. Este tipo de decisões rápidas e fundamentadas inspirou-me e fez-me perceber a importância da gestão de prioridades em contexto real.

Este episódio também me alertou para a necessidade de preparação contínua para o imprevisto, algo que muitas vezes não é totalmente explorado durante a formação académica, mas que a prática real torna evidente. O comportamento dos utentes perante a ausência de luz e alterações nas rotinas foi igualmente um elemento de aprendizagem. Alguns revelaram ansiedade outras mantiveram-se calmos, exigindo uma abordagem empática, paciente e tranquilizadora.

Nos dias seguintes, com a normalização da situação, a semana decorreu com maior tranquilidade. Este regresso à rotina permitiu-me consolidar práticas clínicas já adquiridas e manter o contacto próximo com os utentes, num ambiente mais calmo e estável. Contudo, o acontecimento do dia 28 manteve-se presente nas

conversas entre os vários profissionais e serviu como ponto de reflexão sobre os limites da infraestrutura e a força da resposta humana em momentos críticos.

Ao longo do meu estágio na ERPI, tenho vindo a perceber que as celebrações de datas comemorativas fazem parte integrante da rotina institucional, sendo tratadas com bastante dedicação por parte de toda a equipa técnica. Celebrações como o Natal, a Páscoa, o Carnaval e, mais recentemente, o Dia da Mãe, não são apenas momentos de festividade, são também ocasiões terapêuticas, de grande relevância emocional e social para os utentes.

Muitos dos utentes, dada as suas idades avançadas, encontram-se afastados do seio familiar e dos rituais que antes faziam parte da vida dos mesmos. Assim, estas datas tornam-se pontos de contacto com o passado, permitindo-lhes reviver memórias afetivas e reconstruir, mesmo que simbolicamente, ligações que se foram perdendo com o tempo.

A preparação destes eventos, é feita com cuidado e atenção aos detalhes. A equipa técnica, incluindo animadores, terapeutas e auxiliares, dedica bastante tempo a pensar em formas de envolver os utentes, respeitando os diversos gostos, histórias e capacidades. Sempre que possível, os utentes são convidados a contribuir: a ajudar na decoração, a partilhar histórias, a escrever mensagens ou até a elaborar pequenos trabalhos manuais. Esta participação ativa promove o sentimento da utilidade, pertença e valorização pessoal, aspetos muitas vezes fragilizados no envelhecimento institucionalizado.

Enquanto estudante de enfermagem, esta vivência tem-me feito refletir sobre o valor das intervenções não farmacológicas e do cuidado centrado na pessoa. É fácil, num contexto institucional, cair na rotina e na mecanização dos cuidados. No entanto, estas celebrações lembram-nos que cuidar é também acolher, escutar e criar espaço para a emoção. Percebo cada vez mais que, por vezes, uma simples conversa sobre o passado ou a partilha de uma fotografia pode ser tão importante quanto a administração de medicação. Os ganhos em saúde emocional e o impacto na autoestima e na socialização são evidentes

Esta semana mostrou-me que o cuidado à pessoa exige, mais do que competências técnicas, uma grande capacidade de adaptação e sensibilidade humana. O apagão ensinou-me sobre a importância de agir com eficácia mesmo em situações adversas e a importância da força do trabalho em equipa. Já a celebração do Dia da Mãe reforçou a ideia de que cuidar também é criar espaços de memória, afeto e identidade. Ambos os momentos, tão distintivos entre si, contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional, e fazem-me perceber cada vez mais o valor de cuidar com presença, empatia e respeito pela história de vida de cada utente.

Alex Damas Santos (a22101256)